

A VOZ NARRATIVA INTRUSA: VIOLÊNCIAS DO PATRIARCADO EM *OS HOMENS QUE NÃO AMAVAM AS MULHERES*, DE STIEG LARSSON

THE INTRUSIVE NARRATIVE VOICE: VIOLENCES OF THE PATRIARCHY IN THE GIRL WITH THE DRAGON TATTOO, BY STIEG LARSSON

Alexia Suiany Araújo Barbosa

<https://orcid.org/0009-0008-3103-3127>

Universidade Federal do Agreste de Pernambuco

alexia.suianyaraujo@ufape.edu.br

Monaliza Rios Silva

<https://orcid.org/0000-0001-7682-643X>

Universidade Federal do Agreste de Pernambuco

monaliza.rios@ufape.edu.br

Resumo: Este trabalho investigará a representação das violências de gênero no romance *Os Homens que Não Amavam as Mulheres*, de Stieg Larsson (2015), com foco na análise da voz do narrador e nas dinâmicas patriarcais presentes na obra, publicada em 2005, como o primeiro livro da trilogia *Millennium*. O objetivo desta pesquisa será observar como o narrador do romance representa as diversas formas de violência do patriarcado e as práticas sócio-histórico-culturais que sustentam essas opressões. A pesquisa explorará, de forma crítica, a relação entre discurso e as diferentes opressões enfrentadas pelas mulheres, desde violências físicas e sexuais até simbólicas, além de destacar as tensões de gênero apresentadas na narrativa. A metodologia adotada será a pesquisa bibliográfica, de natureza qualitativa e fundamentada na crítica literária feminista. Serão utilizados como referenciais teóricos: Ligia Chiappini Moraes Leite (2007), para a análise do foco narrativo; Michel Foucault (2009), com respeito às relações de poder. Heleieth Saffioti (1987; 1995; 2004), sobre violências de gênero e patriarcado. Como resultados, a análise crítica deste trabalho demonstrará como a obra de Larsson (2015) reflete as estruturas patriarcais, utilizando as múltiplas vozes narrativas para ora validar ora subverter o sistema.

Palavras-Chave: Violência de gênero. Narrador. *Os Homens que não Amavam as Mulheres*.

Abstract: This study will investigate the representation of gender-based violence in the novel *The Girl with the Dragon Tattoo* by Stieg Larsson (2015), focusing on the analysis of the narrator's voice and the patriarchal dynamics present in the work, published in 2005, as the first book in the *Millennium* trilogy. The aim of this research will be to observe how the narrator of the novel represents the various forms of patriarchal violence and the socio-historical-cultural practices that sustain these oppressions. The research critically will explore the relationship between discourse and the different forms of oppression faced by women, from physical and sexual violence to symbolic violence, in addition to highlighting the gender tensions presented in the narrative. The methodology adopted will be bibliographic research, of a qualitative nature and based on feminist literary criticism. The theoretical references used will be as follow: Ligia

Chiappini Moraes Leite (2007), for the analysis of the narrative focus; Michel Foucault (2009) with respect to power relations; and Heleieth Saffioti (1987; 1995; 2004), on gender violence and patriarchy. As results, the critical analysis of this work will demonstrate how Larsson's work (2015) reflects patriarchal structures, using multiple narrative voices to sometimes validate and sometimes subvert the system.

Keywords: Violence in gender. Narrator. The girl with a dragon tattoo.

Introdução

Os Homens que Não Amavam as Mulheres, primeiro livro da trilogia *Millennium*, de Stieg Larsson, exemplifica o lugar de fricção entre o externo social e o interno literário. Publicado em 2005¹, o romance ganhou grande notoriedade e foi adaptado para o cinema tanto na Suécia quanto em Hollywood. Mesclando elementos de *thriller* policial e psicológico, Stieg Larsson aborda questões centrais como a violência de gênero, a corrupção e a desigualdade social — temas que o autor denunciou durante sua carreira como jornalista.

A narrativa apresenta Mikael Blomkvist, jornalista investigativo, e Lisbeth Salander, uma *hacker* brilhante e complexa, enquanto desvendam os segredos obscuros de uma família poderosa e enfrentam crimes de feminicídio e violência contra mulheres. O romance se destaca por sua crítica explícita ao patriarcado e às estruturas que perpetuam a opressão de gênero.

Nesse sentido, esse romance policial contemporâneo constitui-se como objeto de estudo oportuno para análise das construções sociais em relação às mulheres. A narrativa retrata as diferentes faces das relações encadeadas entre os personagens, sendo possível constatar como os discursos e as violências contra as mulheres estão constantemente presentes nas personagens femininas, uma vez que manifestam os diferentes mecanismos de dominação do patriarcado.

Desta forma, essa pesquisa objetivou observar como a voz do narrador no romance *Os Homens que Não Amavam as Mulheres* (Larsson, 2015) representa as diversas violências do patriarcado, expondo as dinâmicas de poder patriarcal e suas práticas sócio-histórico-culturais. Para tanto, propomo-nos analisar criticamente, por meio de elementos textuais e discursivos, como a narrativa traz à tona a brutalidade e as várias formas de opressão enfrentadas pelas mulheres, desde a violência física e sexual até a psicológica e simbólica.

Ademais, as análises revelam as tensões e rupturas dos paradigmas de gênero, ao tomarmos como objeto de análise as descrições sobre a protagonista da narrativa, Lisbeth Salander. Do mesmo modo, objetivamos também evidenciar o contraste de perspectivas presentes na intrusão de outras vozes narrativas, as quais friccionam o sistema por oferecer ao leitor uma visão mais complexa e crítica sobre os mecanismos utilizados pelo patriarcado para subjugar as mulheres, especialmente as que subvertem as normas.

¹ A trilogia foi publicada postumamente, após a morte do escritor Stieg Larsson, falecido devido a um infarto, em 09 de novembro de 2004.

Para fundamentar as análises desta pesquisa, utilizamos as teorias referentes aos elementos da narratividade, como o foco narrativo apresentado por Ligia Chiappini Moraes Leite (2007). Além disso, trazemos a questão das relações de poder, discutidas por Michel Foucault (2009); e as contextualizações e problematizações histórica e sociológica de gênero e patriarcado, por Heleieth Saffioti (1987; 1995 e 2004) e por Joan Scott (1995).

Para alcançar esses objetivos, este estudo adotou a pesquisa bibliográfica, de natureza qualitativa, com base em uma análise fundamentada na crítica literária feminista. Essa abordagem permitiu examinar, de forma mais profunda, como a obra *Os Homens que Não Amavam as Mulheres* (Larsson, 2015) reflete e critica as estruturas patriarcais, utilizando a literatura como uma ferramenta para discutir e expor as violências de gênero que permeiam a sociedade. A pesquisa bibliográfica utilizou os referenciais teóricos nos campos da literatura e da sociologia para investigar os elementos da narratividade e as questões relacionadas a gênero e relações de poder.

Assim sendo, esta pesquisa foi estruturada em distintas seções, iniciando-se com a presente introdução, na qual delineamos o escopo do trabalho. Na primeira seção “Algumas concepções teórico-metodológicas”, apresentamos uma revisão bibliográfica das teorias que contribuíram para a análise do *corpus*. Na segunda seção “O narrador e as múltiplas perspectivas”, realizamos uma apresentação da obra, dos elementos que serão analisados, além das três subdivisões, nas quais analisamos criticamente elementos utilizados pelas vozes narrativas para subjugar a personagem por meio de suas características físicas, de sua estrutura psíquica e pelas violências sofridas por ela. Por fim, nas considerações finais trazemos os resultados.

1. Algumas concepções teórico-metodológicas

Esta seção discute alguns elementos da narrativa e a categoria gênero, instrumentalizando a análise histórica (Scott, 1995), como traçado metodológico para nossas análises. Sobre os elementos da narrativa são elucidadas a categoria narrador onisciente intruso, conforme discutido por Leite (2007). Em relação à categoria gênero, o enfoque é na discussão sobre as violências de gênero no escopo do sistema do patriarcado. Dessa forma, pretende-se estabelecer um diálogo entre sociedade e literatura para promover uma análise aprofundada das problemáticas presentes no *corpus* selecionado: o romance *Os Homens que não Amavam as Mulheres*, de Stieg Larsson (2015)².

1.1 O foco narrativo

O narrador fulgura como um dos elementos principais para a análise das narrativas literárias, dada a influência direta na percepção e compreensão sobre um

² O romance *Os Homens que não Amavam as Mulheres* foi escrito pelo jornalista e ativista político sueco Stieg Larsson. Nesta pesquisa, utilizamos a segunda edição brasileira da Coleção Millennium 1, da editora Companhia das Letras, traduzida [português] por Paulo Neves, do ano de 2015. Acrescentamos informações sobre a primeira publicação da obra [alemão]: Verblendung - Die Millennium-Trilogie (1), LARSSON, 2004, traduzida [alemão] por Wibke Kuhn, pela editora Heyne Verlag.

enredo. Conforme a tipologia, o narrador assume uma posição fundamental ao decidir quais informações serão ou não compartilhadas com o leitor, especialmente quando busca controlar a avaliação em relação ao que está sendo narrado.

Considerando o papel desempenhado pelo narrador, Ligia Chiappini Moraes Leite, em *Foco Narrativo* (2007), analisa as transformações da narração ao longo do tempo: da epopeia ao romance. Inicialmente, os narradores detentores de autoridade contavam histórias para transmitir suas experiências e conselhos. Com o tempo, as narrativas se tornaram mais complexas e os narradores começaram a se ocultar, seja por trás de outros narradores ou dos fatos, seja por trás de uma voz que desafia a clareza entre narrador e personagem. O surgimento do romance marcou uma grande mudança, em que muitas histórias aparentam narrar a si mesmas (Leite, 2007). Sendo assim, a fusão entre narrador e personagem desafia a tradicional separação dessas duas instâncias, ora se apresentando diretamente ao leitor, ora se distanciando.

Essa reflexão teórica sobre as formas de narrar e seus impactos recai, principalmente, sobre as interferências nos acontecimentos narrados, questionando se as histórias são contadas ou demonstradas. Na visão platônica, imbuída de moralismo, há uma associação valorativa da verossimilhança em relação ao mundo real, uma vez que, para o filósofo, a distinção entre imitar (*mimesis*) e narrar (*diegesis*) não é meramente técnica, pois considera que narrar é mais apropriado para o "homem reto" do que imitar, especialmente quando a imitação envolve algo inferior. Neste sentido, narrar é um comportamento considerado mais digno e elevado, enquanto a imitação é menos adequada ao passo que o mundo sensível é uma cópia imperfeita do "Mundo das Ideias", isto é, a imitação da imitação (Leite, 2007).

A categoria "Autor Onisciente Intruso", de Norman Friedman (1967 *apud* Leite, 2007), caracteriza um tipo de narrador com tendência ao sumário, mas que também pode incorporar cenas. Este narrador possui total liberdade para narrar, posicionando-se acima ou por trás dos eventos narrados, adotando, assim, um ponto de vista quase que divino, o que o faz transcender até os limites de tempo e espaço.

O narrador intruso tem posição privilegiada na narrativa, o que lhe concede a onisciência para narrar os acontecimentos tanto dos lugares periféricos quanto dos lugares centrais. Tal fato ainda permite ao narrador intruso assumir uma posição externa ou frontal ou até mesmo mudar e adotar várias posições sucessivamente. A onisciência ainda lhe permite utilizar, como canais de informação, as suas próprias palavras, pensamentos e percepções.

A característica marcante desse narrador é a intrusão, ou seja, a interferência por meio de comentários sobre a vida, os costumes e a moral dos personagens, que podem ou não estar diretamente relacionados à história narrada. Esses comentários refletem a subjetividade do narrador e podem influenciar diretamente na interpretação do leitor sobre a narrativa.

Para a presente pesquisa, propomo-nos analisar a categoria mencionada, tendo em vista a observação de características semelhantes no romance *Os Homens que Não Amavam as Mulheres* (Larsson, 2015). Nesta obra, o narrador onisciente intruso não se limita em narrar os eventos da trama, mas também utiliza seu poder discursivo para representar os personagens, em especial a protagonista, a partir de uma visão que revela correspondências com discursos opressores do patriarcado.

No decorrer da narrativa, representações como essa e outras descrições

tornam-se mais presentes no *corpus*, sendo possível verificar como a voz narrativa mantém um discurso de subjugação em referência às personagens femininas. Neste ponto, o objetivo desta pesquisa está localizado na observação de como a voz narrativa do romance representa as práticas sócio-históricas e culturais do patriarcado, mas também como as subvertem, através da intercalação de outras vozes narrativas intrusas que friccionam o sistema.

1.2 Gênero: patriarcado e violências

Esta seção discute gênero como categoria de análise, na perspectiva da representação histórica da violência de gênero como uma prática enraizada nos sistemas de dominação-exploração, sobretudo no patriarcado. Para tanto, será realizada uma contextualização histórica e sociológica das relações de poder que sustentam a visão de inferiorização e violência contra as mulheres, com base nos estudos de Michel Foucault (2009) e Heleieth Saffioti (1987; 1995; 2004).

No capítulo intitulado “Verdade e Poder”, presente no livro *Microfísica do Poder*, Michel Foucault (2009)³ discute as estruturas que sustentam as relações de poder, explorando os conceitos ideologia, repressão e verdade como mecanismos de relações do poder.

Ao ser apontado como o primeiro a abordar as questões do poder, Foucault expressa surpresa ao perceber a dificuldade que teve para formular a questão do poder em suas obras anteriores. O filósofo reconhece que, apesar de ter abordado questões relacionadas ao poder de forma indireta, não havia explorado explicitamente esse conceito em suas análises. Ainda segundo ele, no contexto político, essa lacuna era compartilhada tanto pela vertente política da direita quanto pela da esquerda da época, uma vez que a preocupação estava na denúncia no “outro”, não na análise do poder em si. O autor argumenta que a mecânica do poder só começou a ser examinada mais detalhadamente após 1968, quando surgiram as lutas cotidianas e a análise do poder se aproximou das experiências individuais e das práticas institucionais (Foucault, 2009).

A ideologia e a repressão, na visão de Foucault (2009), aparecem como obstáculos para a formulação de questões sobre o poder. O primeiro conceito – ideologia – trata das questões relacionadas à sua oposição implícita com a verdade; à frequente referência ao sujeito e à sua posição secundária em relação a uma infraestrutura ou determinação econômica, o que sugere cautela na utilização do termo. O segundo conceito – repressão – também é considerado inadequado para descrever a natureza do poder, em consequência da ênfase em aspectos negativos e jurídicos.

Por outro lado, na concepção do filósofo, a verdade desponta como uma questão política central, em virtude de estar intrinsecamente ligada à forma com que cada sociedade produz seu próprio regime de verdade, moldado por fatores políticos, econômicos e institucionais:

Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” de

³ Esse texto é uma versão da aula dada por Foucault, no Collège de France, em primeiro de fevereiro de 1978. A obra é resultado de aulas compiladas do filósofo e publicada em 1978; data de 1979 a primeira edição brasileira, pela editora Graal. Utilizamos a 12a edição da editora Graal, de 2009, nesta pesquisa.

verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro (FOUCAULT, 2009, p.12).

A grande questão não consiste em estabelecer uma teoria sobre o poder, mas para compreender como esse mecanismo é utilizado por sujeitos que atuam sobre outros sujeitos. À luz dessa problemática, convém destacar que as relações de poder estabelecem diversos papéis, entre eles o de opressor-oprimido dentro de cada corpo social, na medida que opera discursivamente para produção de uma verdade a ser seguida em diferentes esferas das relações humanas.

Nesta perspectiva, cabe destacar que as relações de poder se estendem às questões de gênero, principalmente, quando se trata da constituição dos sujeitos no patriarcado. À vista disso, a focalização desta pesquisa dá-se em torno das relações de gênero, tendo como base os mecanismos de produção de uma verdade que forma saberes e discursos que reduzem o gênero feminino em detrimento do masculino, gerando a intensa desigualdade entre ambos.

A desigualdade entre homens e mulheres é real em diferentes lugares do mundo. Mesmo em nações consideradas mais desenvolvidas, a disparidade de poder social de cada gênero persiste, independentemente do grau em que se manifesta. A origem social da relação de dominação entre homens e mulheres remonta às primeiras civilizações, sendo difundida pelos sistemas de dominação-exploração ao longo do tempo.

De acordo com Heleieth Saffioti (2004), a identidade social das mulheres, assim como a dos homens, é formada por papéis distintos que a sociedade ainda espera que cada gênero desempenhe. A construção social dos territórios de atuação para cada gênero contribui para manutenção da inferiorização das mulheres, privando-as dos mesmos direitos e privilégios concedidos aos homens. Sob uma perspectiva socioeconômica, Saffioti (2004) ressalta que as diferenças são notáveis também entre pessoas do mesmo gênero, tendo em vista que a vida das mulheres varia consideravelmente conforme a classe social.

Sendo assim, mulheres de classes mais altas, ainda que submissas, desfrutam de certos privilégios, enquanto aquelas de classes mais baixas são compelidas a assumir mais responsabilidades para manutenção do lar e da prole. No entanto, independente da diferença de renda, a responsabilidade final pela casa e pelos filhos sempre recai sobre as mulheres (Saffioti, 1987).

A naturalização desse processo de legitimação dos papéis sociais é fomentada pelas camadas da sociedade que se beneficiam dele. Como salienta Saffioti (1987): “é próprio da espécie humana elaborar socialmente fenômenos naturais” (p. 10). Isso significa que a atribuição dos papéis não é natural, mas sim parte de um processo de naturalização de estruturas políticas, econômicas e sociais que subjugam o gênero feminino. A autora ainda argumenta que esse processo de naturalização beneficia a um grupo específico:

É de extrema importância compreender como a naturalização dos processos socioculturais de discriminação contra a mulher e outras categorias sociais constitui o caminho mais fácil e curto para legitimar a “superioridade” dos homens, assim como a dos brancos, a dos heterossexuais, a dos ricos (SAFFIOTI, 2004, p.11).

Para a socióloga, as práticas de naturalização de atribuições de papéis de gênero estão mais presentes em algumas sociedades do que em outras, formulando diferentes dimensões socioculturais para o que é considerado como fenômeno natural na estruturação das relações sociais. A ideologia das classes dominantes de forma contínua atribuiu o lugar de submissão às classes consideradas baixas, por meio da naturalização da inferioridade social para cada gênero, classe ou etnia, perpetuando assim um imaginário social transmitido através das gerações.

Partindo da premissa do processo de discriminação contra as mulheres, Saffioti (1987) ainda afirma que “a inferioridade feminina é exclusivamente social” (p. 12). A inferioridade da mulher é justificada pelo ponto de vista da ideologia dominante, em que atributos são colocados em oposição para comparar os dois gêneros, sendo comum determinar características melhores para os homens. Ao determinar os espaços menos prestigiados às mulheres, automaticamente, limitam-se as chances de desenvolvimento de suas potencialidades, visto que lhe são negadas oportunidades de êxito extraluar (Saffioti, 1987).

A busca pela igualdade de oportunidades requer muitas mudanças, começando pela partilha de responsabilidades entre homens e mulheres em todos os campos de atividade. No entanto, a ideologia dominante continua determinando os atributos pertencentes à “natureza feminina” para manter o poder e os privilégios sociais em mãos masculinas.

Ressalta-se que o quadro social da estrutura dominante não se resume apenas à categoria de gênero. Saffioti (2004) expõe que a supremacia masculina perpassa todas as classes sociais e está presente mesmo no contexto da discriminação racial, desempenhando um papel significativo na sociedade como princípio organizador das estruturas sociais, sobretudo, quando são utilizados para dividir os indivíduos e manter o *status* de superioridade.

Desta forma, segundo Saffioti (1987): “o poder do macho, embora apresentando várias nuances, está presente nas classes dominantes e nas subalternas, nos contingentes populacionais brancos e não-brancos” (p. 16). Embora a dominação do macho seja um elemento principal nas relações assimétricas, há uma variedade de dinâmicas complexas de poder que ultrapassam as fronteiras de gênero, incluindo “homens que dominam outros homens e mulheres que dominam outras mulheres e mulheres que dominam homens” (Saffioti, 1987 p.16).

Nas relações assimétricas entre homens e mulheres, observa-se uma constante hegemonia do poder masculino. Frequentemente, o homem é retratado como o sujeito desejante, enquanto a mulher é muitas vezes reduzida ao papel de objeto de desejo (Saffioti, 1987). Essa disparidade é evidenciada de maneira extrema no caso do estupro, uma das práticas mais violentas dessa desigualdade de poder. Mesmo em relações amorosas estáveis e consensuais, a coerção masculina pode estabelecer-se como uma norma, reforçando a submissão feminina ao domínio masculino.

Em *Violência de gênero: poder e impotência*, Heleieth Saffioti (1995) retoma a discussão sobre o sistema de dominação-exploração do patriarcado explorando a dinâmica de poder nas relações de gênero a partir de como a violência nas sociedades falocêntricas é estruturada em torno do poder masculino. A socióloga destaca que a violência do homem contra a mulher é retratada como um fenômeno onipresente nas sociedades falocêntricas, podendo estar presentes em maior ou menor grau em todas as culturas.

Além disso, a violência se manifesta em diversos espaços, sejam eles públicos ou privados, e pode ocorrer em todas as fases da vida de uma mulher, seja por parte de estranhos ou, com mais frequência, de pessoas conhecidas ou parentes próximos. Esse ponto subverte a ideia comum de que o perigo reside principalmente nos estranhos, colocando em evidência o papel da confiança e proximidade familiar como facilitadores da violência.

Para Saffioti (1995) o gênero é visto como a primeira forma de dar significado às relações de poder. Essa visão implica que o gênero não é apenas uma construção cultural, mas também um mecanismo que normatiza e estrutura as relações de dominação e exploração entre homens e mulheres. No entanto, ela ressalta que as relações de gênero estão em constante transformação, uma vez que a sociedade em si é mutável.

Outro ponto importante em seu estudo diz respeito à compreensão de que o sujeito não é constituído exclusivamente pelo gênero, devido a identidade de um indivíduo ser composta por gênero, classe social e raça/etnia, que coexistem e interagem, podendo criar diferentes graus de harmonia ou tensão. Isso aponta para uma visão interseccional, na qual a posição de poder ou subalternidade de uma pessoa deve ser compreendida através de múltiplos eixos de identidade e não apenas um.

Desta forma, Saffioti (1995) afirma que o gênero deve ser entendido como uma relação social, que posiciona indivíduos em categorias previamente constituídas. Isso implica que o gênero não é apenas uma identidade individual, mas um sistema de relações que coloca os indivíduos em posições sociais relativas, definindo o lugar de uma pessoa na sociedade com base em sua categoria de gênero e suas interações com outros grupos.

O gênero é aqui compreendido como uma construção social, ou seja, é uma maneira pela qual a sociedade organiza e define os papéis sexuais. Ao contrário de entender a sexualidade como a base que define o gênero, Saffioti (1995) afirma que o gênero define e corporifica a sexualidade, que, por sua vez, é exercida como uma forma de poder. Portanto, as relações de gênero são permeadas por questões de poder e desigualdade.

O gênero, ao ser constitutivo das relações sociais e fundamentado na desigualdade e hierarquia, traz consigo a violência, que é vista como parte intrínseca da ordem falocêntrica. Isso significa que a própria estrutura social, quando organizada em torno de uma lógica de dominação masculina e de papéis de gênero desiguais, naturaliza a violência como parte dessas relações. Assim, a violência não é vista como um fenômeno isolado ou eventual, mas como uma característica inerente à organização social baseada em desigualdade e hierarquia de gênero (Saffioti, 1995, p. 29).

Desta forma, Saffioti (1995) declara que o gênero funciona como uma verdadeira “gramática” que normatiza comportamentos de homens e mulheres em uma

sociedade androcêntrica, onde os homens controlam as regras. A violência, profundamente enraizada na supremacia masculina, atua como mecanismo de controle social, naturalizando o domínio masculino e perpetuando a impunidade.

Por fim, a socióloga discorre sobre a escalada da violência, começando com agressões verbais e podendo chegar ao homicídio, dependendo das reações da vítima. A violência é descrita como uma relação de força, não necessariamente física, através da qual o agressor tenta determinar o destino da vítima. Essa dinâmica é fluida e pode se estabilizar em diferentes momentos, mas a tensão permanece, podendo explodir em violência extrema a qualquer momento (Saffioti, 1995, p. 36).

Sendo assim, ao partirmos do olhar de opressão-subjugação das mulheres, e considerando a construção do patriarcado por meio de discursos legitimados sócio-histórica e culturalmente, pretendemos investigar como o romance em questão apresenta, por meio do narrador intruso, a perpetuação e a desestabilização do patriarcado.

2. O narrador e as múltiplas perspectivas

O romance policial *Os Homens que Não Amavam as Mulheres* (Larsson, 2015) é um *thriller* psicológico que explora a discriminação, corrupção, ideologia e violência de gênero, por meio de uma investigação jornalística. A narrativa se desenvolve no entrelaçamento de um enredo, em que os dramas pessoais das personagens revelam as dinâmicas de poder nas relações entre homens e mulheres, expressas nas diferentes práticas implícitas e explícitas da violência de gênero.

A narrativa entrelaça os dramas pessoais das personagens femininas, que compartilham experiências brutais e traumas, apesar de suas origens e personalidades distintas. Dentre as violências perpetradas contra essas personagens, pode-se elencar a violência sexual, exploração sexual, assédio sexual, discriminação de gênero, violência psicológica, patrimonial e simbólica.

A narrativa apresenta a personagem Mikael Blomkvist, um jornalista investigativo e co-proprietário da revista Millennium, que enfrenta uma crise de credibilidade após uma condenação por difamação. Durante o tempo em que enfrentava uma grande crise na carreira, ele é contratado por um ex-magnata da indústria, Henrik Vanger, para investigar o desaparecimento de sua sobrinha, Harriet, ocorrido em 1966.

Para ajudar com a investigação, Mikael recruta Lisbeth Salander, uma jovem *hacker* talentosa, cujas habilidades são surpreendentes no campo da investigação, mas que enfrenta como dilema pessoal as consequências das violências sofridas durante toda a vida. Juntos, eles investigam o caso, desenterrando segredos sombrios da família Vanger e ligando-os a dois assassinos de mulheres.

No romance de Stieg Larsson (2015), o foco narrativo é em terceira pessoa, conduzido, preponderantemente, por um narrador onisciente intruso (Friedman, 1967 *apud* Leite, 2007), que possui conhecimento completo sobre todas as coisas, expondo os sentimentos, pensamentos e ações das personagens. Este narrador se alterna e altera o ângulo de visão em relação à história narrada, o que permite aos leitores uma visão mais abrangente e detalhada dos eventos.

A intromissão desse narrador se manifesta não apenas nos canais de informação constituídos pelas percepções, ações, cenários e estados mentais das personagens, mas

também através de comentários particulares que oferecem uma perspectiva diferente para interpretar determinados personagens. Dado que a narrativa aborda um eixo temático relacionado a muitas questões sociais, o narrador onisciente frequentemente fornece comentários que também ajudam a contextualizar a ação dentro de um panorama maior, seja ele social, político ou cultural, enriquecendo a compreensão dos leitores sobre as questões subjacentes à história.

2.1 Competência *versus* aparência: Lisbeth narrada em sua visualidade

O poder discursivo do narrador de representar as personagens, seja objetiva seja subjetivamente, distante ou próximo, fornece uma exploração mais profunda e multidimensional, especialmente no que diz respeito a Mikael Blomkvist e a Lisbeth Salander. A título de exemplo, a perspectiva sobre Mikael é amplamente centrada em suas deduções e emoções relacionadas às investigações do desaparecimento.

Em contrapartida, o foco em Lisbeth recai sob uma perspectiva mais aprofundada de sua personalidade e mente complexas. Esse poder de representar é particularmente mais intenso em relação à protagonista feminina, em virtude do tom, em parte subjetivo, de suas descrições que revelam a perspectiva da qual sua história é contada. O narrador controla o acesso às informações sobre Lisbeth, no sentido de não contextualizar suas ações e comportamentos com base em seu passado, deixando em aberto a causa das tensões que envolvem a quebra dos paradigmas de gênero.

Tais representações serão analisadas no decorrer desta seção de análise, através das construções imagéticas de Lisbeth Salander, sobretudo ao que concerne à subversão das normas sociais do patriarcado. Para examinar o poder do narrador, decidimos focar exclusivamente nas descrições relacionadas à Lisbeth Salander. Essa escolha se deve ao papel central da personagem na narrativa e ao fato de ela personificar uma subversão dos papéis de gênero impostos pelo sistema de dominação-exploração do patriarcado (Saffioti, 2004).

Lisbeth Salander é descrita como uma jovem *hacker* de 24 anos, que atua como pesquisadora *freelancer* para uma prestigiada empresa de segurança. Embora tenha uma forte aversão a interações sociais, ela é excepcional em sua profissão, com habilidades investigativas notáveis e uma inteligência fora do comum. Sua aparência distinta, marcada por tatuagens, *piercings* e um estilo *punk* é uma parte fundamental de sua identidade. No entanto, esses aspectos visuais tornam-se frequentemente alvo de críticas no ambiente de trabalho, vez que são vistos como um contraste com sua competência, em vez de uma expressão de sua singularidade.

Para ilustrar esse conflito na narrativa, observou-se que o narrador, frequentemente, descreve as personagens e suas ações com um tom que pode ser interpretado como uma crítica, fato este revela um certo viés ideológico. Por exemplo, as descrições iniciais de Lisbeth Salander incluem perspectivas que sugerem uma dualidade em como ela é percebida tanto pelo narrador quanto pelas outras personagens — que parecem estar em uníssono — evidenciando o contraste entre sua destacada competência profissional e as avaliações de sua aparência física e comportamental, como no trecho abaixo:

Com ceticismo, contemplou Lisbeth Salander, sua colaboradora trinta

anos mais jovem, e pela milésima vez constatou que ninguém parecia mais *mal instalada* que ela numa prestigiosa empresa de segurança. Seu ceticismo era *ao mesmo tempo refletido e irracional*. Aos olhos de Armanskij, Lisbeth Salander era indiscutivelmente a researcher mais competente que ele encontrara em todos os seus anos naquele ramo. Durante os quatro anos em que trabalhava para ele, Lisbeth Salander não havia falhado em uma única missão nem produzido um só relatório medíocre. [...] Armanskij estava convencido de que Lisbeth Salander possuía um *dom único*. [...] às vezes sua capacidade de obter informações parecia *magia pura*. [...] Familiarizada ao extremo com os arquivos administrativos, ela sabia desencavar as informações mais obscuras (LARSSON, 2015, p. 40, grifos nossos).

No fragmento destacado, a voz narrativa acentua o ceticismo de Dragan Armanskij em relação à Lisbeth Salander, sugerindo uma tensão entre a aparência e as habilidades dela. Esse ceticismo, descrito como “ao mesmo tempo refletido e irracional” (Larsson, 2015, p. 40), aponta para os preconceitos que Armanskij, representando uma parte da sociedade, tem em relação a alguém como Lisbeth.

Este trecho ainda nos permite explorar uma dicotomia comum na percepção das mulheres, especialmente aquelas que não se conformam aos padrões tradicionais de feminilidade. A personagem é vista como alguém “mal instalada” (Larsson, 2025, p. 40) em uma empresa prestigiosa. Dessa forma, o emprego da expressão reflete um preconceito baseado em sua aparência e comportamento não convencionais. Nisto, é possível afirmar que o não pertencimento de Lisbeth àquele espaço é uma forma ardilosa de violência de gênero que questiona sua legitimidade em um ambiente de trabalho de alto prestígio e dominado por homens.

A ideia de Lisbeth possuir um “dom único” (Larsson, 205, p. 40) que às vezes parece “magia pura” (Larsson, 2015) configura uma forma de exotização de suas habilidades, imbuindo-se de um misticismo que frequentemente acompanha a percepção de mulheres competentes em áreas tradicionalmente dominadas por homens, colocando-as na condição de ser exótico. Apesar do claro ceticismo, ao longo da narrativa, através de uma intrusão de outra voz narrativa, percebemos que Lisbeth é uma pessoa extremamente inteligente e habilidosa no campo da computação, sendo reconhecida como uma das melhores *hackers* do mundo.

Sua excelência em uma área predominantemente masculina desafia a noção de que mulheres são menos qualificadas para atuar no setor de tecnologia, tornando-se um aspecto crucial de sua identidade. Tal fato representa uma desestabilização do patriarcado através desta sobreposição de voz narrativa. Essa competência permite que Lisbeth subverta determinações de papéis de gênero, afirmando-se em um domínio onde sua presença é inesperada e muitas vezes subestimada.

Armanskij teve dificuldade de se habituar ao fato de seu melhor *cão de caça* ser uma jovem *pálida*, de uma *magreza anoréxica*, com *cabelos quase raspados e piercings no nariz e nas sobrancelhas*. [...] Parecia estar sempre chegando de uma semana de farra na companhia de uma banda de heavy metal (LARSSON, 2015, p. 42, grifos nossos).

A voz narrativa ao descrever Lisbeth é muitas vezes distintiva e reveladora. No trecho citado acima, por exemplo, pode-se notar que a perspectiva narrativa, expressa através de Armanskij, cria uma imagem complexa e contrastante de Lisbeth. Ele constantemente não consegue assimilar o fato de uma mulher com uma aparência e comportamento tão atípicos ser tão competente e talentosa em seu trabalho, refletindo assim uma visão que associa a capacidade das mulheres no ambiente profissional com a sua aparência e comportamento social.

Os termos utilizados nessa descrição carregam diversas implicações sobre a inferiorização das mulheres, sobretudo, daquelas que não se encaixam nos padrões convencionais, como Lisbeth. A expressão “cão de caça” (Larsson, 2015, p. 42), por exemplo, consiste em uma metáfora problemática que, ao comparar a personagem a um animal, reforça dinâmicas de poder desiguais. Essa comparação explicita a posição subalterna de Lisbeth em relação a Armanskij, sugerindo que ela é vista como uma ferramenta ou meio para atingir um fim específico, o que acaba negando seu reconhecimento como um indivíduo autônomo.

A analogia ao “cão de caça” é particularmente perturbadora, porque evoca uma imagem de um animal treinado e comandado por seu dono para cumprir tarefas específicas, o que pode ser visto claramente como uma representação do patriarcado, em que as determinações sobre o comportamento das mulheres sugerem que estas devem ser controláveis e obedientes, como um cão ao seu dono. Essa animalização é uma forma de desumanização que, no contexto de gênero, é especialmente significativa, uma vez que reflete a persistente percepção de que as mulheres são seres inferiores e subordinados.

Lisbeth é julgada não só por sua aparência, mas também pelo que essa aparência simboliza. A referência a “uma semana de farra na companhia de uma banda de heavy metal” (Larsson, 2015, p. 42) sugere que a personagem possuía um estilo de vida desregrado, que é contrastado com a imagem de profissionalismo que se esperaria de pessoas na posição dela. Pode-se afirmar que esse julgamento é baseado em estereótipos sobre as ditas “subculturas” como a do *heavy metal*, que é frequentemente marginalizada e atribuída ao campo do masculino.

Outros desdobramentos ainda podem ser feitos quanto à linguagem utilizada pela voz narrativa, especialmente pela escolha dos adjetivos “pálida” e “magreza anoréxica” (Larsson, 2015, p. 42), levando em consideração o contexto geral, em que carregam uma conotação negativa e crítica. Os termos possuem uma carga significativa de julgamento estético e de saúde, sugerindo que sua aparência física não condiz com as expectativas de robustez ou vitalidade que se poderia esperar, talvez, de um “melhor cão de caça”.

Somando à descrição “com cabelos quase raspados e piercings no nariz e nas sobrancelhas” (Larsson, 2015, p. 42), enfatiza-se ainda mais o contraste entre sua aparência e o que seria considerado normativo ou aceitável no ambiente corporativo. A marginalização integral de Lisbeth ocorre, principalmente, porque muitas dessas características são frequentemente associadas a subculturas que se posicionam contra normas sociais estabelecidas, o que poderia explicar a inquietação de Armanskij e de outros que são beneficiados pelos sistemas de dominação-exploração (Saffioti, 1987).

As descrições subsequentes da personagem e de seu ambiente de trabalho continuam revelando uma clara hostilidade na forma como ela é constantemente

referida, como evidenciado no trecho: “era chamada de a moça de dois neurônios, um para respirar, o outro para se manter em pé” (Larsson, 2015, p. 43). A escolha do narrador em utilizar a voz passiva (“era chamada”) sugere que esse julgamento negativo é amplamente compartilhado, o que implica compreender que essa percepção crítica está enraizada nas interações cotidianas com seus colegas de trabalho.

Esse julgamento está ligado à maneira como Lisbeth se relaciona no ambiente profissional, já que sua personalidade introvertida a impede de se conectar socialmente com os outros, levando à interpretação depreciativa de sua competência e inteligência. A frase é um exemplo claro de estigmatização, pois emprega um tom altamente pejorativo ao ridicularizar e reduzir a personagem a um ser destituído de qualquer qualidade. A personagem de Lisbeth, com sua aparência e comportamento fora do padrão, subverte muitas expectativas normativas. Nesse sentido, o rótulo de “moça de dois neurônios” pode ser visto como uma tentativa de reintegrá-la à força dentro de um estereótipo depreciativo, podendo assim ser lido dentro do contexto da misoginia.

Ela não sofria de distúrbios alimentares — Armanskij estava convencido disso. Ao contrário, *parecia consumir qualquer tipo de comida*. Simplesmente nascera magra, com uma ossatura fina que indicava um aspecto *frágil e delicado* de menina, com mãos pequenas, tornozelos estreitos e seios que mal despontavam sob as roupas. Tinha vinte e quatro anos, mas parecia ter catorze (LARSSON, 2015, p. 42, grifos nossos).

Essa outra observação, Lisbeth é dissociada dos estereótipos de distúrbios alimentares e afastada qualquer suposição mal compreendida sobre sua magreza extrema. Em “parecia consumir qualquer tipo de comida” (Larsson, 2015, p. 42), a voz narrativa sugere que sua aparência física não resulta de um comportamento alimentar patológico, mas de uma constituição física natural. Outro ponto de destaque nessa fala é a associação de sua magreza extrema aos termos “frágil” e “delicado” (Larsson, 2015), o que reforça uma imagem estereotipada associada à vulnerabilidade feminina, mas que não pode ser aplicada no caso de Lisbeth, uma vez que ao longo da narrativa ela não demonstra esses aspectos, mesmo em situações que ameaçam sua integridade física e moral.

Por último, a observação de uma discrepância em sua idade cronológica e a que aparenta ter é significativa para entender um certo nível de infantilização sobre ela. No decorrer da narrativa, essa discrepância é evidenciada em diferentes momentos da vida da personagem, em que é possível perceber como afeta a forma em que é percebida e tratada pelos outros personagens.

Similarmente, esse narrador onisciente intruso opera discursivamente para imprimir uma visão particular sobre a aparência e comportamento da personagem através de seus comentários, potencialmente refletindo estereótipos e preconceitos que influenciam na percepção do leitor em relação a Lisbeth, como no trecho abaixo:

A boca era larga, o nariz pequeno e as maçãs do rosto altas, o que lhe dava um *vago ar oriental*. Tinha *movimentos rápidos e aracnídeos* e, quando trabalhava no computador, seus dedos voavam excitados sobre as teclas. O corpo não se prestava a uma carreira de modelo, mas com

uma maquiagem adequada, um primeiro plano de seu rosto não faria má figura num cartaz publicitário. Embora às vezes passasse nos lábios um *repugnante* batom preto e, apesar das tatuagens e piercings, ela era... digamos... atraente. De uma forma *incompreensível* (LARSSON, 2015, p. 42, grifos nossos).

Essa descrição de Lisbeth Salander, pela lente do narrador, destaca seu desvio dos padrões convencionais de beleza. Em termos de discurso, essa passagem pode representar uma forma de violência estrutural na representação da personagem. De início, o narrador ao fornecer descrições faciais da personagem, evoca mais uma vez um certo tipo de exotismo, agora visual, ao afirmar que ela tem um “vago ar oriental” (Larsson, 2015, p. 42). Neste sentido, ele a distancia do padrão de beleza ocidental, mais estimado amplamente, mas ainda assim salienta uma atratividade nisso. Aqui observamos uma fetichização (do ponto de vista freudiano⁴) do olhar para a mulher, em relação à objetificação.

Em seguida, seus movimentos são vistos de uma forma inumana em “movimentos rápidos e aracnídeos” (Larsson, 2015, p. 42), em que reproduz novamente a animalização da personagem, comparando-a a uma aranha, implicando uma noção que pode acentuar algo positivo como sua agilidade e destreza, mas também requer ser observada como uma desumanização da personagem como indivíduo singular. Além disso, o termo “aracnídeos” reforça uma imagem de Lisbeth como alguém que não se encaixa nos moldes comuns de feminilidade, pois associa-se a algo também predatório, contribuindo para a construção de uma representação que pode causar estranheza e desconforto.

Outro termo que merece destaque é o adjetivo “repugnante” (Larsson, 2015, p. 42) para falar sobre seu batom preto, que somado a citação de suas tatuagens e *piercings* são destacados como itens negativos de sua personalidade. Assim como o emprego do termo “incompreensível” (Larsson, 2015, p. 42) para reconhecer que ela possui uma atratividade ao não se encaixar nos padrões de beleza e feminilidade, pois torna-se um ser intrigante.

Em suma, o trecho explora mais uma vez como a aparência e o comportamento de Lisbeth são percebidos como divergentes do padrão, destacando um viés ideológico que vincula o valor de uma mulher à sua conformidade com expectativas estéticas e sociais. Nesta ocorrência, o narrador não se oculta por trás da percepção de outra personagem para refletir seus julgamentos sobre Lisbeth. Ao contrário, o narrador explicita, através desse comentário, o próprio discurso de subjugação, reforçando a crítica à protagonista feminina de forma direta e inequívoca.

2.2 As múltiplas faces da violência contra Lisbeth Salander

A relação de Lisbeth Salander com os homens é profundamente influenciada pelas experiências de violência e abuso que ela sofreu ao longo da vida. Desde a

⁴ Baseado na teoria freudiana sobre a sexualidade humana, “o fetichismo consiste na adoração de um objeto ou parte do corpo específica [...] está atrelado aos desejos sexuais”. PORTAL PSICANÁLISE CLÍNICA. Fetichismo: significado em Freud e na Psicanálise, s/d. Disponível em <https://www.psicanaliseclinica.com/fetichismo/>. Acesso em 23/07/2024.

infância, marcada pelo abuso brutal de seu pai e a subsequente institucionalização, até os ataques sexuais perpetrados por figuras de autoridade, como seu tutor Bjurman, Lisbeth desenvolveu uma postura de desconfiança e resistência em relação aos homens. Essa desconfiança é reforçada pela violência estrutural das instituições que, ao invés de protegê-la, contribuíram para sua marginalização e descredibilização. Os homens que passaram pela vida de Lisbeth, com exceção de Palmgreen e Blomkvist, representaram para ela apenas poder, violência e opressão.

É notório como a institucionalização psiquiátrica de Lisbeth Salander desempenha um papel central em sua vulnerabilidade aos abusos e na descredibilização como vítima. Ao ser diagnosticada como “instável” e “perturbada” desde a infância, Lisbeth é marcada socialmente como alguém cuja palavra e percepção da realidade são constantemente questionadas, o que favorece a exploração por parte de abusadores. A classificação arbitrária de sua saúde mental por instituições e profissionais a coloca em uma posição de inferioridade e desconfiança, reduzindo a validade de suas denúncias e experiências de violência.

Como resultado, o estigma de “perigosa” ou “psicologicamente instável” atribuído a ela serve como ferramenta de silenciamento, permitindo que seus abusadores manipulem a narrativa de forma a desconsiderá-la como uma vítima legítima e a isolar ainda mais de possíveis redes de apoio, tornando-a alvo fácil da violência contínua. A institucionalização psiquiátrica de Lisbeth Salander é um exemplo contundente de como a violência estrutural perpetrada pelas instituições coopera com a manutenção do *status quo* das relações assimétricas entre os gêneros.

O maior exemplo dessa descredibilização são os abusos sexuais e a violência física, psicológica e patrimonial que Lisbeth sofre de seu novo tutor, Nils Bjurman. O novo advogado representa a maior ameaça que a protagonista já viveu na vida, considerando que ele foi seu maior algoz.

Desde que foi encaminhada para o novo tutor, Lisbeth pressentia o efeito devastador que essa nova relação forçada poderia lhe causar, devido à primeira impressão que teve sobre Bjurman. O primeiro encontro entre eles foi marcado pelo constrangimento das perguntas direcionadas a ela, todas relacionadas à sua sexualidade. Os encontros seguintes foram se intensificando em termos de humilhação e violência.

No segundo encontro, o novo tutor de Lisbeth, começa a assediá-la sexualmente, tocando seu corpo sem consentimento enquanto ela permanece imóvel, sem protestar. Ele manipula fisicamente Lisbeth, aproveitando-se da diferença de poder entre eles, forçando-a a realizar atos sexuais contra sua vontade. Lisbeth entende a situação como uma “demonstração de força de uma tropa inimiga” (Larsson, 2015, p. 205), mas que, fisicamente, não consegue lutar contra. Após o abuso, Bjurman a ameaça, sugerindo que ninguém acreditaria nela devido à sua condição psiquiátrica e sua suposta “irresponsabilidade”, consolidando seu controle sobre ela:

– Acho que não seria uma boa ideia falar dos nossos jogos a outra pessoa. Pense bem: quem acreditaria em você? Há papéis que comprovam sua irresponsabilidade. – Como ela não respondeu, ele prosseguiu: – *Seria a sua palavra contra a minha*. Qual delas você acha que pesaria mais? [...] Que *puta* mais dura de roer! É totalmente *retardada*! [...] É mais que uma *puta*; ela se paga com o próprio

dinheiro! Dirigiu-lhe um sorriso superior (LARSSON, 2015, p. 207, grifo nosso).

O discurso direto destaca a manipulação psicológica e o uso de poder institucional contra Lisbeth. Bjurman explora o estigma associado ao histórico psiquiátrico de Lisbeth, sabendo que a sociedade, as instituições e a lei são tendencialmente contra ela. A frase “seria a sua palavra contra a minha” (Larsson, 2015, p.207) encapsula o abuso sistemático de poder, em que a palavra de uma mulher, especialmente uma mulher marcada por seu histórico de institucionalização, tem menos peso do que a de um homem em posição de autoridade. Este comentário evidencia como as estruturas sociais patriarcais frequentemente desacreditam as vozes femininas e as tornam impotentes frente a seus agressores.

Além disso, o uso de insultos como “puta” e “retardada” revela, sobretudo, um ódio misógino, que corresponde a tentativa de reduzir Lisbeth a estereótipos degradantes, ao mesmo tempo em que a desqualificam tanto como pessoa quanto como vítima. O termo “puta” é comumente visto como um insulto sexista, que liga a identidade de mulheres à sua sexualidade de forma depreciativa.

Já o termo “retardada” reforça o estigma sobre a saúde mental da personagem, deslegitimando sua resistência e sugerindo que, de alguma forma, ela merece ou está predisposta a ser abusada. O sorriso de Bjurman, simbolicamente, é uma representação das faces da dominação do macho, pois reflete seu sentimento de triunfo e controle, mostrando como ele se vê em posição de poder absoluto sobre Lisbeth, tanto física quanto psicologicamente.

A cena em destaque exemplifica não apenas a violência física e psicológica sofrida por Lisbeth, mas também uma forma de violência patrimonial. Isso se evidencia no contexto em que o tutor ao exercer controle sobre seus recursos financeiros, utiliza esse poder para coagi-la a satisfazer seus desejos sexuais em troca de acesso ao próprio dinheiro. Assim, além da agressão corporal e emocional, observa-se a dinâmica de exploração econômica que aprofunda a vulnerabilidade de Lisbeth, privando-a ainda mais da autonomia sobre sua própria vida.

O encontro seguinte é ainda mais brutal, em vista de toda a violência cometida. Nele, Bjurman agride fisicamente Lisbeth, esbofeteando-a de forma inesperada e imobilizando-a. Diante da violência repentina, ela se encontra incapaz de reagir, sendo dominada fisicamente pelo agressor. Ele a algema e remove suas roupas, deixando-a completamente vulnerável e impotente.

Bjurman, então, a ameaça e manipula, prometendo “ensinar as regras” (Larsson, 2015, p. 230). O ato culmina com uma brutal violência sexual, onde Lisbeth é imobilizada, amordaçada e submetida ao estupro, reforçando o controle abusivo e a total desumanização imposta a ela pelo agressor.

[...] Lisbeth Salander abriu a boca para gritar. Ele a pegou pelos cabelos e enfiou-lhe a calcinha na boca. Ela sentiu que ele punha alguma coisa em volta dos seus tornozelos, que abria suas pernas e as atava de modo a deixá-los totalmente vulneráveis. Ela o ouvia andar pelo cômodo, mas não podia vê-lo. Os minutos passaram. Ela mal conseguia respirar. Por fim sentiu uma dor horrível quando ele brutalmente lhe enfiou alguma

coisa no ânus (LARSSON, 2015, p. 230).

Todas as descrições sobre os abusos sexuais de Lisbeth são marcadas por uma narrativa crua, expondo toda a brutalidade e abuso de poder de seu tutor. O trecho acima, o qual foi condensado de um fragmento maior, destaca a culminância da violência sexual explícita e da objetificação final de Lisbeth. Esse enfoque gráfico da dor e da brutalidade com que o ato é executado demonstra o total desprezo de Bjurman pela humanidade de Lisbeth.

Na progressão da narrativa, Lisbeth consegue se vingar de seu abusador utilizando os mesmos métodos e crueldade que lhe foram infligidos. Sua vingança, no entanto, não é apenas uma questão pessoal, mas também um ato simbólico de justiça em nome de todas as outras mulheres que poderiam ter sofrido ou ainda sofreriam a mesma violência pelas mãos dele. Conversando com essa questão, Saffioti (1987) nos informa: “Da mesma forma como a criança não é inocente, o dominado consciente realiza todas as trapagens que pode realizar. Em linguagem simples, o dominado consciente dá o troco ao dominador sempre que pode fazê-lo” (p. 54).

A todo momento podemos observar o poder discursivo do narrador se manifestando de várias formas, muitas vezes assumindo a perspectiva de outras personagens para reforçar a visão de subjugação feminina. Uma das maneiras encontradas para reafirmar sua posição é utilizando o tempo da narrativa, em que o narrador, por já ter acesso ao passado de Lisbeth, compreende sua reatividade e a caracteriza negativamente, como um sujeito “perigoso”.

Essa percepção reflete o incômodo que Lisbeth causa nas estruturas patriarcais, pois ela não se conforma ao papel esperado, não é um corpo dócil ao qual se pode desfrutar sem consequências e nem veste a máscara de submissa para reprimir seus desejos que caminham em direção oposta a norma (Saffioti, 1987). Sua resistência e capacidade de reagir às injustiças a tornam uma ameaça para aqueles que tentam controlá-la, desafiando a visão estereotipada de passividade feminina que muitas vezes sustenta o poder patriarcal.

Lisbeth, ao lutar contra a exploração, toma o controle de sua própria narrativa. Ela usa as mesmas ferramentas que foram impostas contra ela para inverter o jogo de poder. Seu silêncio inicial não deve ser confundido com submissão; ao contrário, sua resposta é cuidadosamente planejada e executada, refletindo sua capacidade de sobrevivência e resiliência. O momento em que Lisbeth finalmente consegue expor e derrotar seus agressores marca um ponto crucial na história, onde sua voz ressoa de forma clara e incontestável, desafiando toda uma estrutura que tentou apagá-la.

Considerações Finais

Este trabalho objetivou demonstrar a importância de se tensionar a violência de gênero, a partir de diversas perspectivas, utilizando como *corpus* de pesquisa a obra *Os Homens que Não Amavam as Mulheres* (Larsson, 2015). O narrador em terceira pessoa, ao representar detalhadamente as violências sofridas por Lisbeth Salander, destaca as dinâmicas de poder patriarcais que buscam controlar e subjugar as mulheres.

A relação abusiva entre Lisbeth e seu tutor, por exemplo, demonstra como o controle legalizado consentido pelas instituições é utilizado como ferramenta de

exploração sexual e dominação, reforçando as estruturas opressoras que sustentam o patriarcado.

Contudo, a narrativa vai além da mera representação da opressão. Ao explorar a psique e os traumas passados da protagonista, a intrusão de outras vozes narrativas friccionam o sistema ao oferecer ao leitor uma visão mais complexa e crítica, revelando a resistência de Lisbeth diante das tentativas de dominação e subvertendo toda essa estrutura. Isso sugere que, mesmo em cenários de extrema violência, personagens femininas como Lisbeth podem não ser simplesmente vítimas passivas, mas sim agentes que desafiam e subvertem as estruturas de poder que tentam silenciá-las. Assim, essa intrusão do narrador, ao descrever a violência patriarcal, também contribui para sua desconstrução, uma vez que transparece a voz e o agenciamento da protagonista.

Portanto, este trabalho objetivou reforçar também a necessidade de continuar ouvindo/lendo as vozes das narrativas de mulheres que enfrentam a sistematização da violência, mesmo quando essas histórias provocam inquietação e desconforto pela brutalidade ficcionalizada. A literatura, ao desafiar as injustiças sociais, amplia nossa capacidade de empatia e humanidade, como destacado por Antonio Candido (2011). Enfrentar as violências de gênero, tanto no campo simbólico quanto físico, é uma tarefa contínua e essencial e a literatura surge como um poderoso instrumento nessa luta, proporcionando fricções e reflexões sobre as estruturas patriarcais que precisam ser combatidas e desconstruídas.

Referências

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. *Vários escritos*. 5a ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011, p. 171-193.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. 12 ed. São Paulo: Graal, 2009.

FREUD, Sigmund. *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, análise fragmentária de uma histeria ("O Caso Dora") e Outros Textos (1901-1905). Obras Completas, volume 6. Trad. Paulo César de Souza. 11 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

GILBERT, Sandra; GUBAR, Susan. *The Madwoman in the Attic: the woman writer and the nineteenth-century literary imagination*. New Haven/CT: Yale University Press, 2020.

LARSSON, Stieg. *A Menina que Brincava com Fogo*. Millenium 2. Trad. Dorothée de Bruchard. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

LARSSON, Stieg. *Os Homens que Não Amavam as Mulheres*. Millenium 1. 2 ed. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LEITE, Lígia Chiappini Moraes. *O Foco Narrativo - ou a polêmica em torno da ilusão*. 10 ed. São Paulo: Ática, 2007.

SAFFIOTI, Heleieth. *Gênero, Patriarcado, Violência*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SAFFIOTI, Heleieth. *O Poder do Macho*. São Paulo: Editora Moderna, 1987.

SAFFIOTI, Heleieth; ALMEIDA, Suely S. *Violência de Gênero: poder e impotência*. Rio de Janeiro: Revinter, 1995.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*. v. 20, n. 2, jul-dez. 1995, p. 71-99. Disponível em <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em 15/05/2024.